

RESENHAS

OCCUPY: MOVIMENTOS DE PROTESTO QUE TOMARAM AS RUAS

MARIANA GONÇALVES BARBEDO*

[Livro: HARVEY, David(et al). *Occupy*. Trad. João Alexandre Peschanski (et al). São Paulo. Boitempo, Carta Maior, 2012.]

Ao longo do ano de 2011, assistiu-se a expansão de movimentos sociais pelo mundo. Partiu do Norte da África, na Tunísia, com manifestações em solidariedade ao vendedor ambulante Mohamed Bouazizi, que ateou fogo em seu próprio corpo depois de ter seu meio de trabalho (um carrinho de mão utilizado para carregar frutas e legumes) confiscado pelas autoridades locais. Essa manifestação pôs abaixo a ditadura de Ben Ali, que já durava longos 23 anos. A onda de protestos se espalhou para o Egito, derrubando o governo de Hosni Mubarak. Na Líbia, depois de uma guerra civil ter levado à morte milhares de pessoas, os rebeldes assassinaram o ditador Muamar Kadafi. No Iêmen, multidões foram às ruas lutar pelo fim do governo de Abdo Rabbo Mansour Hadi. A chama alcançou a Europa, com ocupações e

greves na Espanha e Grécia e revoltas no subúrbio de Londres. Desabrochou no Chile, onde as reivindicações por um ensino público gratuito e de qualidade se revestiram de criatividade. Instalou-se no coração financeiro dos EUA, em Wall Street, com a ocupação de espaços públicos e a instauração de assembléias populares. Com particularidades históricas e reivindicações específicas de cada país ou região, pode-se dizer que o mundo vivenciou conjecturas sociais carregadas da perspectiva de transformação social.

Essas erupções sociais são o objeto de análise do livro *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*, composto por uma apresentação escrita pelo historiador Henrique Soares Carneiro e por uma coletânea de artigos de diferentes autores que tratam dos movimentos sociais ocorridos no referido ano.

Em *O violento silêncio de um novo começo*, Slavoj Žižek olha o *Occupy Wall Street* como apenas o início do movimento, sendo necessário, assim, deter-se ao passo seguinte, pois a prova do verdadeiro valor das manifestações se revela no dia seguinte. Ainda assim, entende que os manifestantes deram um passo importante ao romperem com o tabu da globalização vista como fábula. Ou seja, os manifestantes perceberam nos problemas sociais a face do sistema e isso os levou a colocar o capitalismo como o nome "DO" problema.

Em um momento no qual abundam anticapitalistas, Žižek alerta que o objetivo de tantas críticas não pode continuar a ser democratizar o capitalismo, mas sim questionar a "vaca sagrada" desse modo de produção: a moldura institucional democrática do Estado de direito. Em resposta aos ataques conservadores sofridos pelo movimento, Žižek responde com clareza: aos que dizem que a América é uma nação cristã, ele lembra o significado do Espírito Santo, a comunidade livre igualitária de fiéis unidos pelo amor; aos acusadores da violência empregada no movimento, ele compara essa suposta violência com àquela necessária

para sustentar o suave funcionamento do capitalismo global; aos que lhes chamam de socialistas, ele afirma ser os EUA um país socialista, mas apenas para os ricos.

No artigo *Os "ocupas" e a desigualdade econômica*, João Alexandre Peschanski sai em defesa da reivindicação dos 99% (parcela da população negativamente afetada pela desigualdade econômica), a saber, o igualitarismo democrático radical. Para tanto, argumenta contra ideias utilizadas em defesa da desigualdade econômica, uma delas, segundo a qual a desigualdade é mantenedora do dinamismo do sistema produtivo e, sem ela, os pobres não se esforçariam para melhorar de vida, reproduzindo uma ética de trabalho débil, e os ricos teriam menos incentivo para investir capital. Já a outra ideia afirma ser a desigualdade econômica compatível com uma sociedade sem carências materiais, sendo assim, devemos priorizar a garantia do básico para todos e não, necessariamente, a igualdade social.

Para Giovanni Alves, autor de *Ocupar Wall Street...e depois?*, esses movimentos são um enigma social que, tal como o da esfinge, exigem ser decifrados. E ao buscar decifrá-los, Alves destaca sua constituição social, "densa e complexa", sua recusa na adoção de práticas violentas e ilegais, a ampla utilização das redes sociais e a criatividade e o dinamismo com que reivindicam uma democratização radical. Tal como em outros artigos do livro, notabiliza-se a preocupação com o "próximo passo", entretanto, Alves aponta que a função social do movimento – entendido por ele como "reverberação radical do capitalismo financeiro senil" – é expor as mazelas desse modo de produção, trazendo uma variedade de consciência social crítica capaz de dizer "não" e mover-se contra o *status quo*.

No artigo *Chega de Chiclete*, Mikes Davis manda um recado para os banqueiros: "arruinar o sonho americano e as pessoas comuns será extremamente prejudicial para vocês". O entusiasmado artigo estabelece

um paralelo entre o movimento ocorrido nos Estados Unidos e o filme *Eles Vivem*, de John Carpenter, produzido em 1988. Neste filme, John Nada é um trabalhador braçal que chega a Los Angeles e vê o miserável quarteirão onde vive destruído por uma inusitada operação repressiva. Na confusão, Nada encontra um óculos escuro mágico capaz de fazê-lo enxergar alienígenas disfarçados de seres humanos. Ao notar o poder dessas criaturas horrendas, decide se engajar num movimento furioso de resistência. Para Davis, o movimento Occupy ainda procura seus óculos mágicos e sua fúria continua em estado "gandhiano", entretanto, como propõe o filme, basta arrancar um número suficiente de americanos de suas casas para que algo grandioso aconteça. Sem negar a importância das mídias sociais virtuais, o autor afirma serem os fóruns urbanos reais os responsáveis pelo sucesso da auto-organização dos ativistas. Estes, imbuídos de compaixão e solidariedade, devem ficar atentos à verdadeira recompensa, a seu ver, a democracia econômica.

Vladimir Safatle, no seu artigo *Amar uma ideia*, debruçou-se sobre a importância das ideias para os processos revolucionários. Safatle afirma que o movimento Occupy carrega em si e dissemina uma ideia central oriunda das manifestações populares contra a ditadura do Ben Ali, na Tunísia: "nossa democracia não existe ainda, nossa democracia ainda não chegou, nós ainda esperamos uma democracia por vir." Assim, ao apontar a incapacidade da democracia parlamentar em impôr limites e resistir aos interesses do sistema financeiro, o autor nega ser este o último capítulo da democracia efetiva. Nessa direção, sugere aos desencantados com a atual configuração da vida social plebiscitos para alcançar a soberania popular e a utilização da força crítica e radical do pensamento. Segundo ele, esta é a melhor maneira de agir, uma vez que, quando isso ocorre, conseguimos transpor as barreiras dessa liberdade reduzida a um simples livre-arbítrio, cujas escolhas são feitas no interior de um quadro imposto, e não produzido por cada um.

Desnudando o vínculo indissociável entre economia e política, David Harvey, no artigo *Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis*, trata do Partido de Wall Street que, segundo ele, dominou completamente a política dos presidentes há ao menos quatro décadas. Esse partido, segundo o autor, costuma limpar os cofres públicos, utilizar o monopólio da violência, saquear o meio ambiente e controlar a mídia. Entretanto, em 2011 o Partido foi enfrentado por um movimento cujo objetivo lhe parece simples: as pessoas querem retomar o país do poder do dinheiro e fazer valer os interesses dos 99%. Para Harvey, o princípio universal do poder absoluto do dinheiro tornou a humanidade supérflua. Entretanto, o partido que forjou essa desumanização está derrotado, por isso, para o autor, "O tempo é agora!"; sendo assim, construir uma alternativa em suas ruínas é uma oportunidade inescapável e uma obrigação.

Em *O espírito da época*, Tariq Ali vê, em meio as manifestações, o espírito socialista do século XIX, que engendrou a busca por novas alternativas de luta e participação política. Ainda que essas multidões não tenham delineado uma proposta final, esses homens e mulheres sabem bem contra quem estão lutando: contra o mercado que se transformou no novo deus, preferível ao Estado. O Estado, por sua vez, socializa as riquezas entre os ricos. O autor sustenta essa afirmativa apontando o modo como a União Europeia interveio para impor austeridade e salvar os sistemas bancários. Ao defender a urgência do abandono do sistema de Wall Street, Ali faz uma ressalva: "Não se pode socializar por muito tempo os meios de consumo se os meios de produção não forem socializados primeiro". Os governantes podem não ver nessas palavras muito mais que utopias, mas estão enganados.

Em *A esquerda mundial após 2011*, Immanuel Wallerstein afirma que devido à condição econômica negativa da maior parte do mundo, o ano de 2011 foi fértil para a esquerda mundial. Assim, diante do crescimento

do desemprego, receitas reduzidas e enormes dívidas, os governos tentaram impor medidas de austeridade, milhares de pessoas se revoltaram, alterando o discurso mundial e aproximando-o de temas como desigualdade, injustiça e descolonização.

O autor evidencia as fissuras da esquerda que, dentre outras dissensões, divide-se entre os que são favoráveis à participação no processo eleitoral (dentro deste grupo há divergências quanto a particularidades dessa prática) e os que suspeitam das possibilidades de transformação por este mecanismo. Isto posto, reivindica sua unidade política, sem a qual a esquerda mundial definharia.

Edson Teles, em *Democracia, segurança pública e coragem para agir na política*, volta-se para a ação violenta da Polícia Militar do Estado de São Paulo em dois episódios recentes: a expulsão de usuários de crack do Centro de São Paulo para a execução do projeto higienista "Nova Luz" e o despejo de 1.600 famílias no bairro do Pinheirinho, em São José dos Campos. O autor observa que tanto o local apelidado de Cracolândia, como o bairro Pinheirinho são áreas de forte especulação imobiliária. Nessa direção, Teles denuncia a aliança entre o poder público e os interesses privados e desnuda o posicionamento do Estado – para o qual a especulação imobiliária se apresenta como sinal de desenvolvimento - que atua em favor do mercado e não do humano, violando direitos sociais daqueles que já foram há muito tempo esquecidos pelo poder público.

Por fim, o artigo de Emir Sader, *Crise Capitalista e o novo cenário no Oriente Médio*, apresenta aspectos da crise econômica, tais como a pressão dos sistemas bancários sobre os governos e a hegemonia da política neoliberal utilizada como resposta à crise econômica. Ao abordar o cenário do Oriente Médio, Sader trata da guerra da Líbia para apontar uma nova configuração de intervenção imperialista, na qual países como a Inglaterra, França, Itália e EUA contaram com o consentimento da

ONU e a intervenção militar pesada da OTAN. Para o autor, a consequência da recessão prolongada no centro do capitalismo – que constituirá o cenário de toda essa segunda década do novo século – será uma nova configuração econômica e política, já que os sintomas do esgotamento dos esquemas políticos e econômicos são latentes.

Objetivando corroborar com a reflexão acerca dos novos movimentos de protesto, estes autores – professores, jornalistas, cientistas sociais - trazem suas ideias de forma clara e objetiva - a maior parte desses artigos foi produzida no calor dos acontecimentos e já haviam circulado na grande mídia. Cabe destacar que esta publicação advém de uma parceria entre a Editora Boitempo, a revista eletrônica Carta Maior, autores, tradutores, ilustradores e fotógrafos que cederam gratuitamente os produtos de seu trabalho a fim de baratear o custo do livro e torná-lo mais acessível. Buscaram realizar o que o filósofo e psicanalista Slavoj Žižek apontou como função dos intelectuais nessa jornada: observar os movimentos, analisá-los e propôr questões, objetivando a ampliação do debate e seu avanço.

Notas

* Doutoranda pela PUC-SP e professora da Prefeitura Municipal de São Paulo, onde realiza a pesquisa *O Realismo Crítico de Carlos Diegues no Cinema Moderno Brasileiro: Representações do nacional-popular no Cinema Novo (1962-1969)*, sob orientação do professor Dr Antonio Rago Filho. E-mail: mari_barbedo@yahoo.com.br.

Data de envio: 26/02/2013

Data de aceite: 08/03/2013